

Episódio 2 - Título: Luto e Luta

[Hino da Estrela Vermelha cantada pelos trabalhadores da cooperativa. “Nós somos trabalhadores e temos força na vida. Nós somos trabalhadores e temos força na vida. Todos juntos combinados formámos a cooperativa. Todos juntos combinados formámos a cooperativa. Anda camarada anda vamos fazer união. Anda camarada anda vamos fazer união. Avante a Estrela Vermelha abaixo a reacção. Avante a Estrela Vermelha abaixo a reacção]

Voz Isabel Mões: A história de luta dos trabalhadores e trabalhadoras da cooperativa Estrela Vermelha, em Santiago do Cacém, cruza-se com a de Jochen Maria Bustorff muito antes dele ter ido para lá trabalhar. Jochen Maria ou José Maria, nome que adopta em Portugal, é natural da Alemanha, de Meldorf, uma pequena vila perto do mar do Norte. A sua ida para o trabalho na reforma agrária fez parte de um profundo processo de luto. Mas se olharmos bem, o luto fez intrinsecamente parte da sua construção interior e da sua posterior arrancada como jovem revolucionário.

Voz Jochen Maria Bustorff: Eu nasci como órfão, eu nasci e três meses depois fui órfão, o meu pai tinha 27 anos, foi chamado a fazer guerra, era cavaleiro, era banqueiro, estupor foi para a guerra e não voltou logo. Eu tinha três meses ou quatro meses, então a minha mãe tinha três putos. A guerra era uma coisa, depois da guerra, até ter um estado formado pelos aliados e criar uma nova moeda, havia três anos de confusão total, candonga, então os valores mais apreciados eram meias de nylon para mulheres, café e cigarros e outros eram, quando vieram os americanos procuram selos, com a cabeça de Hitler, etc, etc. Esses eram os cinco artigos, mais ou menos... a gente aprendeu a roubar, a gente roubou, fomos nos campos tirar umas batatas, fomos às caves tirar carvão, etc., e a minha mãe na frente, a minha mãe tinha 23 anos, uma burguesa, viúva, de um dia para o outro, era valente, a minha mãe era muito valente.

[música DIE DREIGROSCHENOPER, de Bertold Brecht]

Voz Isabel Mões: A mãe nunca fez o culto do pai morto, nunca tornou os seus pertences num museu a ser visitado e idolatrado pelos filhos. Havia tanto para chorar, mas era preciso entrar numa nova vida e ela entrou. Volta a casar com um ex combatente, um casamento que Bustorff acredita ter sido um encontro de duas vítimas, feito de compaixão e silêncio. A família muda-se para Hamburgo que, mesmo estando, também, debaixo de cinzas, oferecia

um pouco de melhores condições, se assim se pode dizer. Era preciso seguir em frente e ser continuamente transformado pelos escombros do pós-guerra.

[continuação da música anterior]

Voz Jochen Maria Bustorff: Eu, na minha maneira de ser aventureiro e fugir a uma carreira qualquer vinha da guerra, eu achava que não tinha sentido, não tinha sentido esforçar-se para ser advogado ou médico, ou seja o que for, com aquilo que o mundo andava, não me interessava por nada, e burguês também não era, eu era um existencialista ao máximo, vivia para os amigos, os amigos para mim, nesta ideia, beber um copito, não demais, convivermos as nossas experiências, mas fazer carreira não me interessava. Eu nasci aventureiro e a guerra ainda me fez mais aventureiro, porque não tinha sentido estar num sítio, desenvolver e depois ficar mais velho e depois, e ter 3 crianças, 4 crianças ou 5 ou 6, nada tinha sentido, sentido tinha de espreitar no mundo o que acontecia aí, oh se aprende tanto, aprende tanto, e comer com as pessoas à mesa, oh quanto se aprende.

Voz Isabel Mões: E foi espreitar o mundo, depois de frequentar o liceu e como forma de fugir a uma mãe um pouco autoritária abandona os estudos e vai trabalhar no porto de Hamburgo. Compra uma mota e segue viagem para o sul de França e Itália, tudo a sul, porque gosta mesmo do sol, das laranjas e das oliveiras. Acontece por acaso ver um anúncio para estudar arte e como tinha habilidades para o desenho inscreve-se. Foi aceite, com distinção e por lá fica, mas depressa se cansa dos velhos professores e da rotina e emprega-se de novo em ofícios ocasionais, fazendo-se, como diz "rapaz novo" e deixando para trás o "rapaz fino" que sabia pouco da vida".

Voz Jochen Maria Bustorff: Os adultos eram todos nazis, uma ou outra, eram todos comprometidos, onde é que estavam? Eram todos nazis. Eu sofri muito com esse mundo de adulto, tão, tão ...como se pode dizer, ya, tão fascista, realmente. Ideias já passadas, autoridades inventadas, quem é você? Você sabe com quem você fala? Não sei, vejo aqui um senhor velho, assim, eu era muito atrevido, por natureza, nasci assim, eu tinha muito humor, muito atrevido, e...mas na escola também, os professores eram todos antigos nazis, até nas belas artes quando mais tarde, eram nazis. Era um bocado pesado, sabe, era um bocado pesado.

Voz Isabel Mões: Por ter uma namorada portuguesa aprende a língua e viaja pela primeira vez para Portugal em 1971, para um encontro na Cooperativa Árvore no Porto e mais tarde em 1972. Do país tem essa primeira impressão da pobreza e do medo, onde se percebia

perfeitamente quem era pido. Regressa uma outra vez pouco antes do 25 de Abril, onde conhece Zeca Afonso, Mário Brochado Coelho e Jorge Sampaio e espanta-se com a actividade clandestina que faziam. Quando chega a Hamburgo recebe a notícia por telefone que a revolução tinha acontecido e começa a borbulhar a ideia de regressar. “Foi a melhor coisa que fiz na vida”, disse. Chega na primavera de 75, com uma bolsa de estudos, depois de uma longuíssima viagem.

[música CHAMARAM-ME CIAGONO, de José Afonso]

Voz Jochen Maria Bustorff: Para chegar aqui em Portugal, eu queria estudar arte popular porque eu tinha visto aqui em Portugal, ao contrário da Europa, ainda existia arte popular, era por causa do regime, pinturas nas feiras, etc, muito lindo, Rosa Ramalho, era outro caso. Adorava porque me dizia muito, era quase como pintura, escultura africana muito direta, muito directa. Então para chegar aqui fiz mais a minha namorada uma viagem a Creta. Depois dividimos, ela voltou para Hamburgo, e eu fui, eu quis ir para África, não consegui, tinha que voltar de Creta para Atenas de Atenas para Patras, Patras para a Corfo, Corfo barco, para Brindisi, Brindisi, Messina, Sicilia. Então quando cheguei a Sicilia, fiz Sicilia em parte a pé, de boleia, em cima de um burro, em cima de uma velha Ford, e as pessoas me trataram como se fosse o menino Jesus, com uma hospitalidade, com um cuidado, com um engraciamneto, com um estrangeiro vem cá passar aqui umas horas mais a gente... olha eu fiquei, fiquei. E depois da Sicília. ainda estive em Palermo, eu sempre, sempre a desenhar, eu sempre a desenhar. Fiquei na Tunisia, depois quis ir para a Libia, o Kadaffi não deixou entrar, tinha de voltar para trás. Depois fui, em Algéria também não se podia aterrar porque a Algéria estava em guerra como Mohamed...Mohamed não, Mohamed não...Hassan II de Marrocos, e então viajei de Tunes para CasaBlanca de Casablanca fiquei e lentamente com comboio, a pé, com burro fui a Tanger, já tinha passado cinco meses, e de Tanger fui com uma pequena avioneta até Lisboa.

Voz Isabel Mões: Instala-se no Porto, e começa a participar nas manifestações, primeiro ainda como observador, tentando perceber quem é quem, onde está este e aquele partido. Recorda dessa altura a valentia dos estudantes do Porto, alguns confrontos, tiroteios, e de uma frase que as pessoas gritavam e que nunca mais se esqueceu e que dizia assim: “E o povo sem jantar vai para a serra do Pilar”. Deu de caras com o 25 de Novembro, numa noite em que ainda trazia música na cabeça.

[música MILESTONES, de Miles Davis]

Voz Jochen Maria Bustorff: Interessante, digo eu mais uns amigos, fomos a...veja lá coisas assim durante a revolução, fomos do Porto a Cascais aos dias de jazz, porque estava lá Miles Davis, Miles David formidável. Acampamos lá no meio da rua embaixo de uma árvore em Cascais e no outro dia arrancamos para o Norte. Chegámos ao Ribatejo, estrada fechada com rochas, a gente, o quê?...não havia auto estrada naquela altura havia só a estrada nacional, e a gente a perguntar: "Sim, sim acaba o Otelo, isso tudo uma merda". E então, embro-me que um dos meus amigos telefonar à mãe, mãe eu não sei se podemos chegar hoje porque aqui a estrada está fechada, não sei se ficámos no sul ou se conseguimos ir para o norte, depois alguém esperto mostrou-nos um caminho para sair dali e conseguimos seguir para o norte, chegar ao Porto, era naquela noite 25 de Novembro.

[continuação da música anterior]

Voz Isabel Mões: Mas tudo muda no início do ano.

Diário de Lisboa, 2 de Janeiro de 1976.

Três mortos e sete feridos foi o balanço trágico dos incidentes de ontem verificados em Custóias. A manifestação foi a maior de todas, das que até à data ali se verificaram em apoio e solidariedade para com os militares e civis antifascistas detidos na cadeia.

O grande número de crianças e mesmo de bebés ao colo dos seus familiares ali presentes, dava a perfeita noção de que as intenções de todos os manifestantes eram o simples apoio aos detidos. Ninguém tentou penetrar na cadeia. Mas a tensão aumentou no momento em que os elementos da GNR, armados com G3 puxaram as culatras e as voltaram para o ar. Os disparos de G3 começaram logo a seguir, provocando uma debandada geral de todos os manifestantes e gerando cenas de pânico. No momento em que a debandada era praticamente generalizada, pudemos ver que os elementos da GNR de joelho em terra voltavam as armas já não para o ar mas para a frente em tiro rasante.

Os mortos, todos chegados ao Hospital de São João são; Arménio Pereira da Silva, de 30 anos, de Leça do Balio; Celestino Rebelo Teixeira, de 43 anos, de Santo Ovídio; e o cidadão alemão Guenther Bruns, de 22 anos, natural de Hamburgo, em Portugal há algum tempo e que se preparava para regressar ao seu país dentro de dias. Encontrava-se em casa de amigos portugueses e trabalhou há tempos na Cooperativa Estrela Vermelha.

Voz Jochen Maria Bustorff: Depois eu estava, olha eu estava destruído, digo-lhe, eu chorei por causa do meu amigo, 22 anos, eu tinha 31, ou assim. Quanto tinha eu? Tinha 34 ou 35..Chorei, eu não me endireitava, eu não podia estar com ninguém, nem com namorados. Era filho de classe operária, belo rapaz, era fantástico. E a imprensa do Porto, Comércio do

Porto, era muito...Diário de Lisboa, Diário Popular era tudo Lisboa, mas no Porto a imprensa era muito da direita, a direita começou a apresentar fotografias de um grupo de alemães que tentaram saltar a prisão, veja lá a campanha já assim. Eu anímo este grupo que ficou, eram 5 ou 6, ou 4, já não me lembro bem tinha que contar, detinha que contar, de sair comigo para Espanha, porque se não mais dia menos dia a gente era ficar presos no Porto. Então a gente de manhã saímos em direção a Espanha, vamos à fronteira, os espanhóis muito já, que estranho estes rapazes a esta hora à noite, mas conseguimos. Eu cheguei a Madrid, arranjei um quarto do Prado, e estava emerdado completamente emerdado, eu chorava, eu não me aguentava, eu não podia estar com ninguém, uma coisa incrível, nunca passei tão mal na minha vida. E fui todos os dias ao Prado, procurar algum apoio nos pintores que gosto, Velasquez, Francisco Goya, Suberano, você não imagina como eu estava.

Voz Isabel Mões: O amigo morreu ao seu lado e ferida estava aberta- Lentamente acaba de chorar e toma uma decisão “Isto não pode ficar assim, eu quero saber como isto aconteceu” Regressa então ao Porto passados 3 meses e começa a fazer a sua própria investigação. Recolhe testemunhos de quem esteve naquele primeiro de janeiro frente a Custódias e pinta uma tela gigante com mais de três metros.

[Música ACORDAI, de Fernando Lopes Graça, em fundo]

Voz Isabel Mões: Ao centro, a castanho, o retrato inteiro de Gunter Bruns ladeado por centenas de assinaturas, que foram testemunhas daquele assassinato. Nos pertences de Bruns descobre o seu diário, com apontamentos das cinco semanas, no Outono de 75, que passou com os trabalhadores da Estrela Vermelha. Resolve então visitar a cooperativa e com essa tela gigante chega ao Alentejo. Alguém o leva ao monte e no monte é mostrada a tela e ao seu redor as pessoas choram em conjunto, e “tiveram muita pena do rapaz que era uma bela pessoa”.

[solo da música anterior]]

Voz Isabel Mões: O tom de voz ainda muda, memória para sempre impressa da dor que não se apaga passados quase 50 anos. Mas também riso, quando Bustorff se lembra das histórias engraçadas contadas pelas mulheres da cooperativa sobre aquele alemão, que não falava uma palavra de português, mas que tinha o dom de cativar as pessoas. Foi ele que acendeu a lareira pela primeira vez, na casa grande, na antiga casa dos patrões. As mulheres não queriam porque nunca se tinha feito. Ocupou-se a casa mas havia pudor em

usufruir dela. Bruns, lá por gestos, fez entender, primeiro que estava um frio do caraças e segundo que tinha havido uma revolução e portanto era para se fazer o que nunca se tinha feito. E lá se acendeu o lume, se aqueceu o corpo e se dessacralizou aquele lugar. Nesse mergulho ao mundo de Bruns, Bustorff faz o que chama o seu verdadeiro “processo de politização” e começa a interessar-se agora pela reforma agrária.

Voz Jochen Maria Bustorff: Então, eu fui com um carro emprestado, a solidariedade naquela altura era uma beleza, uma arquitecta emprestou-me a sua pequena mini, eu fui do Porto até Santiago, Santiago, fui procurar a Quinta da Corona, fui lá, encontrei os trabalhadores. Eu fiquei de tal maneira animado, que tinha que só arrumar as minhas coisas, principalmente a minha pesquisa, como é que chegou o 25 de Abril, o 25 de Novembro, o morto, o meu amigo morto. Quando aquilo tinha acabado eu fui lá e pedi que fosse sócio da cooperativa, aceitaram-me. Eu tinha uma pequena cunha, eu estava, eu tinha amigos alemães que tinham oferecido um tractor, um tractor, um tractor de algum valor, assim 45 mil euros... euros não havia naquela altura, mas então identificaram-me com o grupo que generosamente tinha oferecido material e máquinas, etc., e aceitaram-me. Primeiro pensavam, não levavam isso a sério que eu quis lá ficar como sócio, trabalhar a sério, mas depois perceberam e eu fiquei.

Voz Isabel Mões: : Os amigos alemães que ofereceram um tractor pertenciam à chamada comunidade de Solidariedade Wallraff, que ajudava a União faz a Força, a primeira cooperativa onde Bustorff trabalha a partir de Setembro de 1976. Essa comunidade era liderada pelo jornalista de investigação, o alemão Gunter Wallraff, que Bustorff tinha conhecido por acaso, uns meses antes no café Majestic, no Porto. O que ele lhe confidenciou na altura que estava a preparar é digno de um enredo de um filme de James Bond, que se podia chamar mesmo, A Descoberta de uma Conspiração.

{música solo Fela Kutij}

Voz Jochen Maria Bustorff: Mas ele disse, eu vou numa aventura ao norte, vou ver se faço a ver se faço contactos, ele era muito corajoso, era muito filho da mãe, conhecia todas as canções. E o que é que ele faz? Ele no norte encontra o ELP. Sabe o que é o ELP? Exército de Libertação de Portugal, Spínola, encontra gente numa tasca, e faz-se apresentar, pode ser possível mandar umas armas, ele precisava de uma direcção, de uma figura, etc., e ele consegue voltar para a Alemanha e manda o Spínola, que entretanto foi mandado para a Suíça porque fez aqui dois golpes em Portugal que falharam e manda ele, de Geneve para Colónia, ou Disseburg, ou Dortmund, aterrar, está uma hora no aeroporto. E Spínola toma

conta, então quantos tanques, quantos helicópteros, etc. Gunter Wallraff. O Gunter conheci nesse ano, antes de ir aquela cooperativa.

{música solo de Fela Kuti}

Voz Isabel Mões: A União faz a força ficava em Santiago do Cacém, a meia hora de caminho da Estrela Vermelha, mas era muito mais pequena, tinha 750 hectares de terra e apenas quatro casas. Tinha sobreiros e eucaliptos e no verão plantava-se milho, feijão, melões e abóboras. A cooperativa já levava mais de um ano de existência. Tinha sido criada, não logo a seguir ao 25 de Abril, mas como resume Bustorff “depois do proletariado rural se ter curado da ilusão da possibilidade de uma modificação profunda da sua situação miserável por via legal”. Ou seja, depois do não cumprimento por parte dos patrões das primeiras convenções colectivas de trabalho, negociadas a partir Junho de 1974, depois dos despedimentos, do não pagamento dos salários estipulados, do atraso no início das ceifas, da retirada e venda do gado, etc, etc, etc. Os trabalhadores organizaram-se e ocuparam as terras.

Depoimento de Ana Ascensão Batista, uma ex. trabalhadora rural alentejana: Nós o que fazíamos era para nos libertarmos, meus Deus, compreendam que isso era para nos libertarmos e termos uma vida melhor, era só por isso, não era para fazer mal a ninguém que a gente nunca fez mal a ninguém e deus me livre se eu fizesse mal a alguém, não senhor. O que queria era pão, paz, trabalho, e pão. Era a única coisa que dizíamos aqui a toda a gente, era o que dizíamos. Trabalho porque não havia, trabalho, paz e pão. Era só isto, mais nada. Eu digo assim esta palavra e não sei se será justa: A reforma agrária e as minhas filhas estava tudo no mesmo saco. Foi uma alegria que eu tive muito grande, da Reforma Agrária, o 25 de Abril, não houve uma coisa que me desse mais alegria, porque vivi toda a vida na maior miséria do mundo. A gente ver-se libertada e podendo chegar além e podendo comer. E as minhas filhas são as coisas que eu mais adoro, mas a reforma agrária junto a elas.

Voz Isabel Mões: Nos primeiros dias Bustorff ajuda na debulha dos feijões, aprende a descamisar o milho com as mulheres e trata do gado. Conhece um outro alemão, o único estrangeiro que por lá anda, Herman, que tinha estado sete anos no Chile, também, a trabalhar na agricultura. Ele confessa-se desiludido por os camaradas não terem em conta as suas ideias para que se possa trabalhar de forma diferente e mais eficiente, ele que até tinha experiência e já tinha dirigido uma grande exploração. A desilusão de Bustorff é outra e chega passadas cinco semanas quando percebe que o presidente da Assembleia Geral,

atuava como o novo patrão e há três meses que não tinha lugar nenhuma reunião da comissão dos trabalhadores, havendo diversos assuntos a discutir; como a falta do pagamento do salários de setembro. Marcada a reunião, para seu espanto o presidente entra e diz:

[som de tractor no campo]

Voz actor Luís Miguel Nunes: Bem camaradas, já há muito tempo que não nos reunimos. Há trabalho suficiente na cooperativa. O tempo está a ajudar, sim. Bem, não tenho mais nada a dizer. Há alguma pergunta?

Voz Isabel Mões: Sobre os salários, em falta há 10 dias apenas uma pobre justificação.

Voz actor Luís Miguel Nunes: Não vos posso dizer. Isso já não é da minha responsabilidade. O J tem que assinar os cheques.

Voz Isabel Mões: Depois dessa reunião e de outros incidentes onde percebe que o trabalho e as decisões não eram discutidas colectivamente, Bustorff abandona a cooperativa e regressa à Alemanha, mas depressa percebe que um ano em Portugal o tinha transformado num estrangeiro na sua própria terra. Havia ainda muito para fazer e resolve voltar, mas desta vez para a Estrela Vermelha, que tinha melhores condições, era uma autêntica aldeia, agregando a Quinta da Corona e o Pocinho. Chega a 14 de Fevereiro de 77, no dia do 2º aniversário da cooperativa e onde todos comemoram, com vinho, pão chouriço, as crianças brincam, os cães fazem uma algazarra medonha e Bustorff olhava para aquilo como para uma pintura.

[música de acordeão]

Voz Jochen Maria Bustorff: Era uma bela quinta, bem situada, sim, lugar alto, quase se conseguia ver Beja, Beja eram 45 km. O meu tempo melhor, as melhores amizades. Conquistar um alentejano é mais difícil que conquistar uma mulher...è muito O alentejano olha muito, não se deixa enganar, porque é desconfiado é natural. Fiz todos os trabalhos, seja arroz seja andar com o gado, seja andar com máquinas, apanhar tomate, plantar tomate, milho, arroz, e gostei do colectivo, eu vinha do zero novamente, eu sozinho, novamente de zero, eu com 139 pessoas, cada um com a sua reserva, os analfabetistas, os analfabeticos, analfabetos, com uma certa reserva aceitar. Pois as bocas já me

acompanharam antes de lá chegar, que era agente da CIA, ninguém sabia quem era a CIA, mas eu era agente da CIA, era o partido comunista.

Voz Isabel Mões: Teve que conquistar cada uma daquelas pessoas. Começa a ouvir as suas histórias, de exploração, de fome, da conquista das 8 horas de trabalho em 1962, e do desaparecimento nas prisões da pide por causa dessa luta.

Depoimento de um trabalhador alentejano: Ameaçavam a gente era com a prisão. Ou trabalhas, ou vais te embora, se não vais te embora, vais ser preso e tu és assim ou assado, és assim porque assado. E o que é que a gente fazia? Íamos embora, íamos para outro lado, arranjasse se não arranjasse, à boa vida. Continuamos a andar à boa vida, grupos deles, outros iam para as obras trabalhar, outros ficaram aí desamparados, parte deles, mas a luta foi conquistada. A gente ateimou sempre e teve de ser as 8 horas e foram mesmo o que teve de ser e foram para a frente. Não pode ficar para trás, as 8 horas.

Voz Isabel Mões: Começam a fazer-lhe perguntas, às vezes parecia mesmo um interrogatório. Lá na tua terra também se guarda o gado como no Alentejo? Achas bem que uma mulher vá para a cama com um homem só porque gosta? É verdade que a tua terra está dividida em duas, uma comunista e outra fascista? Vais ficar muito tempo na Estrela Vermelha, ganhas o mesmo que os outros homens? Os pais das raparigas estrangeiras deixam-nas sair sozinhas, sem marido ou namorado?

A cooperativa tinha um salão gigante, com camas de campanha, para receber estrangeiros, Chegavam sobretudo alemães, dinamarqueses, jovens do norte da Europa. A maior parte ficava algumas semanas e desaparecia. Também chegavam portugueses para ajudar, que vinham em carrinhas das cidades. Chegou uma altura em que estive em cima da mesa a construção de um parque de campismo ao pé da barragem, para facilitar o contacto entre os camaradas da cidade e do campo e dar a conhecer melhor a reforma agrária, ou seja “um verdadeiro turismo revolucionário”, coisa que Bustorff combateu por achar que a cooperativa não era um jardim zoológico.

Voz Jochen Maria Bustorff: Foram bem recebidos, o alentejano gosta de receber, gosta que venha gente, principalmente as mulheres claro, e essa questão das moças, tomarem banho na ribeira meias nuas, aí isso criou...

Voz Isabel Mões: As estrangeiras?

Voz Jochen Maria Bustorff: Sim, as estrangeiras.

Voz Isabel Mões: Aconteceu lá?

Voz Jochen Maria Bustorff: Ui, claro. Eu também, quer dizer, eu falava com qualquer pessoa e transmitia as minhas observações quando era necessário, ou sei lá o quê. Eu também disse às moças, vocês não podem fazer isso, esses homens aqui quando veem um bocado de pele, vocês vêem uma mulher, vocês vêem alguma pele dela, nem a cara, é tapada até aqui, as mãos andam nuas, vocês veem alguma perna, não andam de botas, quando veem um bocado de pele feminina, ui, ficam loucos.

Narração Isabel Mões: Mas na Estrela Vermelha tinha outros problemas maiores, como a falta de divisão do trabalho, a organização dos relatórios de contabilidade, a falta de membros para a direcção que ninguém queria ocupar, a utilização indevida das máquinas, o escoamento dos produtos, a que acrescia a vigilância constante às terras, agora que estava já em marcha o desmembramento da reforma agrária e tinham já sido entregues diversas explorações ou parte delas, como na cooperativa a União faz a Força que ficará sem metade da terra. Como diz Bustorff os trabalhadores eram Picassos, autodidatas como Picasso e portanto iam-se organizando como sabiam e como iam aprendendo. Em Novembro de 77 Gunter Wallraff visita a cooperativa e pede que Bustorff o acompanhe a Lisboa, para o ajudar nas suas actividades. O jornalista estava agora na lista negra pela publicação da tentativa do golpe de Spínola, o livro A Descoberta de uma Conspiração. Quando Bustorff regressa à cooperativa fica a saber que dois polícias dos serviços de segurança juntamente com guardas da GNR tinham lá estado a perguntar se havia estrangeiros. Na sua caixa de correio encontrou uma carta de uma amigo de Lisboa que lhe disse que funcionários dos serviços de segurança o tinham procurado várias vezes em casa dele. Como se pareciam com os antigos pides, pensou. Resolve então partir.

[música CHULA DA PÓVOA, de José Afonso]

Voz Isabel Mões: Nas últimas páginas do seu diário no Alentejo escreve “Pouco antes do Natal deixei a cooperativa, com o coração partido. Tinham sido os anos mais felizes da minha vida”.

[continuação da música anterior]

Voz Jochen Maria Bustorff: Não esquecer que naquela altura, o 68 era uma grande movimentação entre estudantes franceses e alemães, começou pelas manifestações contra a guerra do Vietnam, a guerra do Vietnam, depois contra...contra a autoridade francesa e

alemã e acabou de criticar as famílias em casa. Isto teve um grande impacto e havia muito comunista nas duas partes, de várias cores, de extrema, liberal, movimento, chamava-se movimento K. Em Hamburgo havia uma grande liga comunista, por causa disso não era de admirar-se que venham cá primeiro a espreitar e depois uns passam um fim de semana, ajudam na apanha do tomate, ou uma coisa assim, como fosse na guerra civil de Espanha, quanta gente arrancou de todo o mundo para estar do lado dos republicanos.

[continuação da música anterior, até ao final da mesma]

[gravação depois da entrevista]

Voz Jochen Maria Bustorff: [sons de pássaros e de Bustorff a brincar com o gato]

Voz Isabel Mões: Tão bonito

Estou tão contente que você veio hoje, e o meu mail que estava só escrito em baixo, o seu email foi mandado com sucesso